

POR UMA AVALIAÇÃO REFERENCIADA NA QUALIDADE SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA: ALIANÇAS ESTRATÉGICAS

Mara Regina Lemes De Sordi UNICAMP/SP/BR

maradesordi14@gmail.com

Regiane Helena Bertagna UNESP/Rio Claro/SP/BR

regiane.bertagna@gmail.com

Introdução

Assumindo a postura de contrarregulação como reação propositiva a modelos de regulação da qualidade impregnados pelo viés mercadológico (FREITAS, 2018), defendemos a luta para que concepções alternativas de avaliação sejam concebidas e, eventualmente, escolhidas pelos coletivos escolares como balizamentos para o trabalho da escola.

Nóvoa (2019, p. 12) indica que “O futuro escreve-se na coragem da ação. Pensar a coisa certa é agir”. Mas para isso é preciso agir em conjunto.

A Avaliação Institucional Participativa (AIP) como locus privilegiado de mediação entre a avaliação em larga escala e a avaliação das aprendizagens baliza o processo de construção da qualidade desde dentro da escola, fortalecendo os coletivos para o processo decisório rumo à qualidade educacional anunciada em seu projeto educativo. Este texto descreve resultados de pesquisa colaborativa (escolas e universidade) desenvolvida junto à rede municipal de Campinas/SP (2019 a 2022), visando explicitar dimensões da qualidade social (QS) referenciadas na formação humana para nortear construção de um roteiro autoavaliativo do trabalho pedagógico¹.

Metodologia

A constituição da equipe de pesquisadores implicou investimentos teóricos e afetivos visando uma relação colaborativa. O conceito de “amigo crítico” proposto por Macbeath (2005) foi assumido por um pesquisador da universidade (ACP) a quem cabia ações de apoio à escola representada pelo Orientador Pedagógico (OPP) integrante da equipe gestora e responsável pela condução do trabalho pedagógico. Houve a inclusão de um ACP nas oito escolas do estudo. Os encontros eram semanais e mensalmente as equipes se reuniam na universidade (formato híbrido) para compartilhar o vivido e

¹ Integra trabalho do grupo de pesquisa interinstitucional LOED.

repactuar a agenda consoante com o tempo da escola. Tal cuidado espelha a diferença entre fazer pesquisa **sobre** a escola e **com** a escola. Os dados eram registrados em diários de campo e publicizados para compartilhamento com as escolas.

Na primeira etapa, o pressuposto de que a qualidade social da escola pública é engendrada no e pelo coletivo da escola, não se coadunando com a ideia de responsabilização vertical, foi vital ao afinamento conceitual.

Formação Humana, qualidade social, avaliação: interfaces

O trabalho como princípio educativo, o homem como sujeito histórico e a transformação, possível a partir da luta social, balizou nossa concepção de formação humana e possibilitou um novo olhar para a escola e, conseqüentemente, para a sua qualidade (BERTAGNA et al, 2020) em confronto com o ideário dos reformadores empresariais na educação (FREITAS, 2018).

Em nossa proposta, a avaliação olha para a escola como um todo que se reúne, reflete e enfrenta os desafios inerentes ao trabalho coletivo. Os processos decisórios implicam atuação conjunta na realidade da escola afastando-se de abordagens que fragmentam os atores e suas práticas favorecendo os processos de responsabilização vertical.

A AIP realocaliza a avaliação no cotidiano da escola servindo como estratégia inteligente de prestação pública de contas (AFONSO, 2012) fiel aos princípios da responsabilização compartilhada (SORDI, FREITAS, 2013).

Nessa perspectiva, cabe destacar que, algumas vezes, a relação entre ACP e OPP se mostrou tensa frente ao uso do termo “amigo crítico”. Ao final, se consensuou:

- Um apoiador da escola, que embora tenha uma visão externa do cotidiano, está comprometido com o trabalho. Ele escuta, percebe, acolhe, dialoga e procura se empenhar para buscar soluções junto com o coletivo. Valoriza o que vem sendo construído. Incentiva os trabalhos, o grupo a avançar e têm legitimidade para realizar críticas e apontar caminhos.

Por meio de rodas de conversa, foram construídos os acordos que antecedem a avaliação da qualidade do trabalho da escola. Abaixo algumas asserções validadas nas reuniões.

Figura 1 - Pressupostos da Formação Humana (FH) e Qualidade Social (QS) da escola.

A escola é um lugar de encontro entre diferentes pessoas e culturas que juntos aprendem, uns com os outros, na diversidade e na reciprocidade. Nesse	A explicitação das dimensões da QS potencializa o trabalho da escola e sua efetivação requer
--	--

encontro se humanizam descobrindo-se como sujeitos capazes de construir na interação uma sociedade mais justa, fraterna e incluyente.	coerência ético-epistemológica em todas as decisões que afetam o cotidiano escolar.
O projeto educativo da escola na perspectiva da formação humana elege a qualidade social como missão, o que implica trabalhar com a complexidade do fenômeno educacional.	O sentido formativo da avaliação se assegura pelo prévio acordo sobre os propósitos e repercussões das dimensões QS no desenvolvimento humano dos estudantes que, simultaneamente, afetarão os coletivos escolares como um todo.
Deve-se estimular e integrar as aprendizagens que ocorrem fora da escola, no espaço social, que enriquecem a formação humana dos estudantes e demais sujeitos da escola.	O coletivo escolar responde em conjunto, pelo êxito das dimensões aceitas como expressão de QS, ainda que determinadas dimensões convoquem a titularidade de alguns atores.
A escola é instância formadora privilegiada (e por vezes, a única oportunidade de alguns segmentos terem acesso ao saber historicamente produzido) e deve comprometer-se com a QS do trabalho pedagógico.	As dimensões da QS requerem descritores que as materializem no e pelo trabalho pedagógico.

Fonte: As autoras a partir dos dados da pesquisa.

Foram pactuadas 11 dimensões da QS (admitindo-se sua incompletude) sistematizadas por Bertagna et al (2020): Acesso e permanência dos estudantes na escola; Ética e valores; Diversidade / Diferença; Relações interpessoais e convivência; Trabalho pedagógico; Trabalho coletivo; Conhecimentos; Criticidade; Participação; Auto-organização dos coletivos; Compromisso Social da Escola com seu entorno social.

Passo seguinte foi conceber um roteiro auto avaliativo sensível às opções do coletivo escolar e exequível nas condições objetivas existentes. Transitar da matriz formativa para uma matriz avaliativa sem perder os princípios e valores da QS nos remeteu à formulação de um conjunto de pressupostos que assegurasse uma concepção formativa de avaliação à qual os processos de regulação local se reportassem.

Figura 2 – Exemplo de Pressuposto do trabalho avaliativo da qualidade social da escola.

Os processos de regulação local da qualidade implicam exercícios de autoconhecimento e de interpelação coletiva das práticas em desenvolvimento, na escola e pela escola, perpassados pelos princípios da responsabilização participativa	A estabilidade das dimensões e indicadores da matriz avaliativa de QS é desejável para gerar uma série histórica que espelhe o caminhar da escola em dois sentidos: induzirá tanto a rede de ensino quanto as escolas a trabalharem nesta perspectiva; e, elucidará as responsabilidades contraídas pelas diferentes instâncias envolvidas na produção da qualidade problematizadas em rodadas de negociação (locais e com o poder central), momento estratégico para controle social sobre o pacto de qualidade.
---	---

Fonte: As autoras a partir dos dados da pesquisa.

Isso posto, cada uma das escolas pôde se autoavaliar em reunião de AIP e outras correlatas com a participação do ACP e o OPP, cabendo ao último a coordenação dos trabalhos junto ao coletivo escolar.

Aprendizagens favorecidas pela aliança

A construção da matriz formativa e avaliativa favoreceu a organização das forças vivas da escola via processos de AIP (SORDI, 2022), instância vital para a consolidação de uma escola reflexiva e crítica do seu papel na sociedade.

A luta pela QS da escola pública é feita por homens e mulheres que atuam na escola, na universidade e na sociedade, com olhos voltados ao futuro que querem construir, com vistas ao projeto de formação humana desprezado pelas políticas de avaliação externa, portanto, a luta para que dimensões da QS balizem a organização do trabalho escolar e as práticas pedagógicas desenvolvidas requer uma retórica argumentativa forte.

A ideia de uma QS, inconclusa e construída em conjunto com os diferentes atores sociais implica outra visão de currículo que, posto em ação, contesta as fronteiras artificiais entre a escola e a vida. Possível perceber que certos modelos avaliativos denegam estes aspectos substituindo-os pela competição entre atores e a ideologia do dom. A experiência resultante da pesquisa colaborativa reforçou a importância de alianças para sustentabilidade do direito humano à educação. Reforçou o quanto a participação dos coletivos é estratégica pelos efeitos que produz em uma obra que deve ser co-autoral na direção da qualidade social para todos.

Referências

- AFONSO, A. J. Para uma conceptualização alternativa de *accountability* em educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 471-484, abr.-jun. 2012.
- BERTAGNA, R. H. et al. Avaliação da qualidade social da escola pública: delineamentos de uma proposta referenciada na formação humana. **PolEd**, Paraná, 13(2), p. 63-86, 2020.
- FREITAS, L. C. Reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MACBEATH, J. et al. **A história de Serena: viajando rumo a uma Escola melhor**. Porto: Asa Editores, 2005.
- NOVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.
- SORDI, M. R. L., FREITAS, L.C. Responsabilização Participativa. **Revista Retratos da Escola**, Brasília: v. 7, n. 12, p. 87-99, jan./jun. 2013.

SORDI, M. R. L. (Org). **Desafiando a hegemonia do campo da avaliação da qualidade das escolas:** a avaliação institucional participativa como estratégia. Belo Horizonte/MG: Fino Traço, 2022.